

## FOTOGRAFIA E MEMÓRIA COMO RECURSOS AVALIATIVOS DE ALUNOS DIAGNOSTICADOS COM TDAH E AUXÍLIO NA RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO PORTO DE SÃO MATEUS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

Marcelo D'Ávila Teixeira Gomes<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo abordará o Ensino de História local, analisando os usos, as variadas formas de avaliação e as possibilidades que o Sítio Histórico Porto de São Mateus pode oferecer aos alunos diagnosticados com TDAH, enquanto fonte para a pesquisa e Ensino da História. Conforme relatos e registros históricos, o Porto de São Mateus era considerado como fator preponderante para o desenvolvimento regional dos Séculos XIX e XX. Através dele transportava produção agrícola regional, destacando-se a farinha de mandioca e posteriormente o café. Além de contribuir para o elevado comércio de Escravos. Há uma vasta documentação que demonstra a importância do Porto de São Mateus durante a Escravidão local e regional. Nesse contexto, a fotografia tem muito a contribuir. Trabalhada como documento e memória viva e visual proporcionará uma revisão historiográfica, redefinirá visões do passado e favorecerá novas formas avaliativas.

**Palavras-chaves:** Fotografia, memória, patrimônio, avaliação, identidade.

---

<sup>1</sup> Professor de História e Filosofia na Rede Particular em São Mateus/ES. Professor na UNIVC – São Mateus/ES. Graduado em História, Teologia. Especialista em: Docência do Ensino Superior e Ciências da Religião. Mestrado em: Educação, Desenvolvimento Regional e Políticas Públicas – UNIVC – São Mateus/ES

## **Introdução:**

O Porto de São Mateus, mesmo com toda sua importância, segue esquecido pela população local, tornando-se um lugar, muitas das vezes habitado por usuários de drogas e pontos de prostituição e assaltos. Acreditamos que o Porto seria uma excelente ferramenta no Processo de Ensino-Aprendizagem para alunos diagnosticados com TDAH. Eles enfrentam dificuldades no desenvolvimento educacional incidindo diretamente na interrupção dos processos esperados de desenvolvimento social cognitivo e de aprendizagem. Dessa forma, o artigo tem como objetivos:

- ✓ Entender a concepção sobre TDAH;
- ✓ Apresentar a Fotografia e outros objetos biográficos como uma forma documental que pode auxiliar no processo de Ensino Aprendizagem;
- ✓ Analisar as possibilidades de utilização da Fotografia e outros objetos biográficos como ferramenta na construção e resgate do Patrimônio Local;
- ✓ Demonstrar que a Memória é mecanismo de autoconhecimento, bem como autorreferência que permite a recuperação da História local, pessoal;
- ✓ Discutir, a partir da análise fotográfica, o uso dos termos, resgate, identidade patrimonial, revitalização patrimonial e proteção ao

Patrimônio Histórico. Acreditamos que através do resgate da Memória Coletiva utilizando a Fotografia poderemos contribuir para a diminuição de desinteresse dos nossos Educandos. Propomos o trabalho com alunos com TDAH pois observamos algumas diferenças entre esses com os demais alunos não diagnosticados com os sintomas quando analisaram algumas fotografias. Certificamos que os alunos diagnosticados com TDAH, alguns apresentaram maior clareza ao detalhar as fotos e maior percepção. O interesse pelo referido tema deve-se ao fato de que a História Local precisa ser valorizada, bem como explorada, estudada, contribuindo para a preservação de uma identidade cultural. Marc Bloch (2001) define o esse interesse por história:

Como germe e como estímulo, seu papel foi e permanece capital. Antes do desejo de conhecimento, o simples gosto; antes da obra de ciência, plenamente

consciente de seus fins, o instinto que leva a ela: a evolução de nosso comportamento intelectual abunda em filiações desse tipo [...] (P.43).

As condições de navegação no Rio Cricaré em São Mateus, facilitou o escoamento agrícola até a *Vila de São Mateus (Atual Conceição da Barra)*. Favorecendo o comércio entre essas duas regiões formando um “completo regional agrícola e portuário de natureza semelhante, onde predominava a produção e exportação de farinha de mandioca.” (CÔGO, 2007). Apesar da relevância histórica, na região de São Mateus, presenciamos pouco interesse em construir e até mesmo estudar, conhecer sua história.

Segundo Maria Auxiliadora Schmidt (2009), “[...] as obras sobre História Local reportam se à história de pequenas localidades, escritas por pessoas de diferentes segmentos sociais, não necessariamente historiadores [...]” (p.137).

Ressaltamos Bittencourt (2009) que nos chama a atenção para a escrita curiosa da história local. De acordo com a autora, essa prática de história “[...] tem sido elaborada por historiadores de diferentes tipos. Políticos ou intelectuais de diversas proveniências têm-se dedicado a escrever histórias locais com objetivos distintos [...]” (p.168). De acordo com a historiadora, autores que escrevem sem o devido rigor científico da ciência histórica “[...] geralmente são criadores de memórias mais do que efetivamente de história [...]” (p.168). A relação entre história e memória, recorda-nos Le Goff (2013):

Em primeiro lugar, porque há pelo menos duas histórias e voltarei a este ponto: a da memória coletiva e a dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado. É desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo menos deveria sê-lo) e corrija esta história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros [...] (p.33).

Temos que ter cuidado para não confundir memórias com história, mas é por meio delas que, de acordo com Bittencourt (2009) “[...] que se chega à história local” [...] “As memórias precisam ser evocadas, confrontadas [...]” (p.170).

E agora vem a pergunta: Quais são os quadros sociais da memória – que narram uma experiência coletiva - presentes nas situações didáticas voltadas para a educação patrimonial em alunos de uma escola particular no município de São Mateus/ES?

A fotografia é uma expressão visual universal. De fácil acessibilidade e praticidade. Torna-se um bem cultural. E por esse motivo constitui-se um banco de dados de fácil acesso. Contribuindo no processo de aquisição de conhecimento. Através da

fotografia podemos conhecer como era a realidade de uma determinada época. Trazer à memória fatos, costumes, de um determinado tempo. A fotografia nos atesta uma realidade distante para quem visualiza uma determinada foto. É um testemunho de uma realidade passada que se torna presente aos nossos olhares.

Fotografia e memória caminham juntas. A fotografia nos remete a uma dialética platônica interior entre o que se vê e como se vê. Entre o mundo sensível e o mundo inteligível. Entre a fantasia e a realidade. Memorizar é imaginar, criar um registro de uma imagem. Fotografar é registrar, em forma de uma impressão, essa fantasia, essa imaginação. Em uma sociedade tecnológica, a fotografia seria uma forma de perpetuar, resgatar e conservar a memória e o patrimônio histórico.

Le Goff (2003), em seu livro *História e Memória*, nos lembra o surgimento de dois fenômenos: um no século XIX, com o advento da fotografia, e outro no início do século XX, com a construção de monumentos aos mortos.

O primeiro, a seguir à I Guerra Mundial, é a construção de monumentos aos mortos. A comemoração funerária encontra aí um novo desenvolvimento. Em numerosos países é erigido um túmulo ao Soldado Desconhecido, procurando ultrapassar os limites da memória, associada ao anonimato, proclamando sobre um cadáver sem nome a coesão da nação em torno da memória comum. O segundo é a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica. (LE GOFF, 2003, p.460).

A memória é um mecanismo que utilizado como uma identidade.

Disponibilizando elementos do passado que se fazem presentes. Recuperando conteúdos históricos.

Vale aqui citar Seixas:

Toda memória é fundamentalmente “(re)criação do passado”: uma reconstrução engajada do passado e que desempenha um papel fundamental na maneira como os grupos sociais mais heterogêneos apreendem o mundo presente e reconstróem sua identidade, inserindo-se assim nas estratégias de reivindicação por um complexo direito ao reconhecimento. (SEIXAS, 2001, p.42).

Assim lembranças fazem parte da memória. No ato de lembrar, nos servimos de “campos de significados” – os quadros sociais – que nos servem de pontos de referência. As noções de tempo e de espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espaciais e temporal das lembranças são a essência da memória. (HALBWACHS apud BARROS, 1989, p.30). Notadamente a fotografia é um documento portador de memória viva. Com

ela reassumimos nossa identidade, reconstruímos nossa cultura, nossa memória, nosso patrimônio. Preservamos lembranças. É referência da nossa história, existe para nunca deixarmos de lembrar destes momentos.

Como afirma Halbwachs:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p.30)

Portanto, a memória atinge suas duas finalidades: reconhecimento e reconstrução. É importante ressaltar que para Halbwachs a memória tem um papel fundamental na historiografia: vitalidade a objetos culturais, valorizando momentos históricos e resguardando a herança do passado. A partir do exposto até então, podemos perguntar:

Quais identidades estão presentes nas Memórias Coletivas a partir das percepções e das análises fotográficas feitas por alunos diagnosticados com TDAH e de que forma essas identidades, Memórias Coletivas e Fotografias podem auxiliar no processo de Avaliação de Aprendizagem dos referidos alunos?

A pesquisa concentrou-se na cidade de São Mateus – ES, visitando e fotografando mais especificamente o Porto de São Mateus, bem como alguns lugares que remetem a memória coletiva e contribui para o resgate da identidade patrimonial local. Os alunos fizeram visitas in loco e em seguida, em sala de aula, elaboraram um relatório sobre o que perceberam.

### **Por que usar a Fotografia e outros objetos biográficos como forma avaliação de aprendizagem?**

O uso da imagem iconográfica vem crescendo, em consequência de sua grande presença em nosso cotidiano. Porém, poucos professores a utilizam em suas práticas pedagógicas. Embora seja uma rica fonte de transmissão de conhecimento e preservação da história/memória.

Outro importante valor é a acessibilidade às máquinas fotográficas, quando não, aos celulares. São inúmeras selfs tiradas no decorrer do nosso dia a dia. Registros de inúmeros lugares, momentos familiares, momentos de lazer. Sendo assim, a imagem vem ocupando, atualmente, um lugar de registro dessas situações dominante em relação aos livros de memórias, cartas ou diários. De acordo com Kossoy (1998) todo o conteúdo de

uma foto guarda experiências de vida de um determinado momento e/ou situação significativos. Através das fotos, podemos restaurar momentos que outrora poderiam se perder. Trazendo em nossa memória momentos de nostalgias, sensações de alegria, emoções, dentre outras.

Moreira Leite (1998) afirma que o estudo da prática e da significação de imagens fotográficas possibilita conhecer o comportamento coletivo e experiências vivenciadas de um momento específico. É interessante que a autora sugere que, ao utilizarmos as imagens, abandonemos a necessidade de representar a realidade a partir de uma perspectiva unilinear, já que a fotografia permite a entrada em um mundo imaginário que não explica a realidade, mas convida a revivê-la e recriá-la. Mas como? A autora nos responde: Através de um leitor que fala sobre o conteúdo imagético, que é surpreendido pela imagem, estimulado por sua percepção visual, inicialmente através da sua memória espacial e da sua faculdade psíquica de associação de imagens; fornecendo, portanto, um conjunto de significados invisíveis que não são revelados sensivelmente aos seus olhos.

As imagens visuais precisam das palavras para se transmitir e, frequentemente, a palavra inclui um valor figurativo a considerar. O desenho ou a fotografia não reproduzem abstrações. Representam um caso concreto, um fato particular, o presente. A palavra revela melhor o conhecimento subjacente na memória que, todavia, é construído por imagens fixas. Mecanismos perceptivos e cognitivos ampliam a compreensão das relações entre a imagem e as diferentes formas de memória, que, pelo reconhecimento e pela rememoração, constroem a ponte para o texto verbal. Ao que é impossível descrever, torna-se indiscutível a prioridade da imagem visual, por sua capacidade de reproduzir e sugerir, por meios expressivos e artísticos, sentimentos, crenças e valores. (MOREIRA LEITE, 1998, p. 44)

O olhar e a interpretação de um leitor diagnosticado com TDAH, pode ser diferente de um outro leitor não diagnosticado com o mesmo sintoma. Ao se deparar com uma imagem fotográfica, os alunos diagnosticados com TDAH demonstraram maior concentração e riqueza aos detalhes apresentados. Diferentemente dos demais alunos. Portanto, ao utilizarmos o processo fotográfico, percebemos ali a riqueza de detalhes e uma grande oportunidade de uma outra forma avaliativa dos alunos com diagnósticos. E passamos a utilizá-las como registros de momentos considerados significativos durante as visitas no Porto de São Mateus. Resgatando a memória, a história, a sua identidade bem como sua importância para a região. Tornando esses momentos como documental.

Tiveram a experiência de voltar ao passado, reviver épocas de seus avós, de suas famílias. Como se vestiam, se comportavam, alimentavam, se divertiam. Dessa forma a fotografia atinge um dos seus objetivos que é ser como instrumento de memória que expressa um valor do qual não se quer desfazer.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, estabelece o direito às pessoas com deficiências em receber educação, preferencialmente na rede regular de ensino. No entanto, a metodologia e as avaliações devem ser pautadas nas limitações não somente dos alunos com TDAH, mas também todos aqueles que necessitam de suporte diferenciado. Deve-se considerar na avaliação a relação entre a capacidade do aluno e o resultado apresentado em sala (OLIVEIRA, 2014). Faz-se importante a atenção no tocante a impossibilidade de a criança/adolescente atender ao padrão temporal que é estabelecido pela escola referente ao aprendizado, pois os sintomas do TDAH circundam nas características da desatenção, agitação, hiperatividade e impulsividade (ROHDE *et al.*, 1999).

“Deve-se buscar uma estrutura educacional que leve em conta as diferenças individuais, permitindo a adaptação dos conteúdos e estratégias didáticas às capacidades e necessidades específicas de cada criança/adolescente” (BRIOSO; SARRIÁ, 1993, p. 167). A partir do momento que se tem o diagnóstico o educador tem condições de auxiliar melhor o aluno com TDAH sem com que prejudique os demais colegas de sala. Através de uma metodologia voltada para o aluno com TDAH, ele pode facilitar o cotidiano dessa criança/adolescente na escola. “Ela deve ser incentivada a aprender da forma consensual, mas também não precisa ser desestimulada a nunca mais tentar formas diferentes de resolver os mesmos problemas” (SILVA, 2009, p. 72).

Segundo o dicionário Aurélio aprender é adquirir conhecimento e habilidades. Já o processo de aprendizado se dá pela vivência e experiência do dia a dia e não apenas pelo estudo teórico. Sendo o aprendizado uma das funções mentais mais importantes do ser humano e está relacionada intrinsecamente com a Educação e o desenvolvimento pessoal (FERREIRA, 2010).

O autor Kant (1999, p. 20), diz que “entre as descobertas humanas há duas difíceis, e são: a arte de governar os homens e a arte de educá-los”. Os professores têm essa missão de educar e construir uma educação que atinja a todos igualmente. Deparando constantemente com a necessidade de buscar novas habilidades, novas

metodologias e didáticas, questionando a prática de ensino. Araújo nos chama atenção para (2015, p. 16):

Tornar a aprendizagem interessante e útil é uma forma de remover obstáculos. O professor para melhor conhecer os interesses de seus alunos, precisa estimular a sua própria escuta, criando diariamente com seus alunos reconhecendo em suas falas, o que lhes serve como motivação, bem como conhecendo a bagagem que trazem para a escola.

Nesse contexto, deparamos com uma nova realidade: a inclusão. Assim como o TDAH, os transtornos mentais e do desenvolvimento são uma realidade na escola atual sem que essa estivesse pronta para recebê-los. A educação torna-se um instrumento de fundamental importância na redução das desigualdades e das discriminações (CREMASCO, 2013). Professores que tem alunos inclusos dentro de sala de aula precisam utilizar algumas metodologias diferentes para atender a necessidade de seu aluno (PALHARI; TOLDO, 2015).

A autora Sant'Ana (2005, p. 5) complementa dizendo que:

A inclusão educacional torna-se necessário o envolvimento de todos os membros da equipe escolar no planejamento de ações e programas voltados à temática. Docentes, diretores e funcionários apresentam papéis específicos, mas precisam agir coletivamente para que a inclusão escolar seja efetivada nas escolas. Por outro lado, torna-se essencial que esses agentes deem continuidade ao desenvolvimento profissional e ao aprofundamento de estudos, visando à melhoria do sistema educacional.

Dessa forma, no exercício do ensino cabe principalmente aos professores priorizar o diálogo, para conseguir a confiança da criança/adolescente e identificar sua forma de agir e suas preferências, buscar estratégias e recursos que auxiliem no processo de ensino. Deve-se iniciar com tarefas simples e aos poucos ir acrescentando o grau de dificuldade de modo que acompanhe o progresso, elogiar sempre, motivar com frequência, além de estabelecer um diálogo sobre seu desempenho para estimular sua evolução (CAIADO, 2002).

Para Sanches (2005), os professores acabam sendo responsáveis por buscar conhecimentos referentes à inclusão sendo que alguns se sentem impulsionados a fazer novas descobertas, desenvolver técnicas personalizadas para o ensino individual e coletivo, além de buscar conhecer as necessidades educacionais das quais o aluno incluso necessita para um melhor desempenho. Por outro ângulo, alguns professores se negam ainda a aceitar a inclusão e questionam sobre a forma especial de ensinar e

aprender que envolve tal situação e particularidades que exige cada aluno.

Para ensinar alunos com TDAH o professor deve adaptar seus métodos e técnicas, pois o aluno com TDAH não reage e age como as outras crianças sem o transtorno, elas têm os seus próprios limites. E o tratamento deste problema na escola depende do conhecimento e da persistência da escola e do professor. Cabe então ao professor a tarefa de buscar constantemente novos conhecimentos, técnicas e aperfeiçoamento nesta jornada inclusiva, o que o fará ser melhor, não só com o aluno com transtorno TDAH, mas com a turma toda (FERNANDES, 2013).

Nesse contexto a autora Hoffmann (2007, p. 13) traz a ideia de que:

[...] avaliar efetiva-se um conjunto de procedimentos didáticos que se estendem sempre por um longo tempo e se dão em vários espaços escolares, procedimentos de caráter múltiplo e completo tal como se delinea um processo. [...] A avaliação da aprendizagem, mais especificamente, envolve e diz respeito diretamente a dois elementos do processo: educador/avaliador e educando/avaliando. Alguém (educando) que é avaliado por alguém (educador).

*O uso de jogos, caça-palavras, forca, bingo, cartas, quebra-cabeças, que estimulem o lúdico são algumas das estratégias sugeridas. Ainda é incentivado que os alunos façam mapas mentais, esquemas, quadros, resumos com pontos principais, gráficos, padlet, Kahoo, portfólios, mini-fóruns, jornais de época, seminários, entre outros recursos, pois aumenta o poder de concentração, as chances de aprender o conteúdo e fixar o assunto (PERES, 2014).*

Além de buscar ensinar o conteúdo estimulando a emoção, imaginação, contando histórias para aguçar a memória podendo usar músicas, apresentações de teatro e filmes. Levar os alunos para fora do ambiente escolar é aconselhado também, por exemplo, cinemas, praças, zoológico, passear no entorno da escola faz com que o conteúdo ensinado se torne mais lúdico, empolgante e atrativo (CINIELLO, 2016).

Dessa forma, Luckesi (2011, p. 30) ainda contribui dizendo que:

O que significa, então, “aprender a avaliar”? Significa aprender os conceitos teóricos sobre avaliação, mas, concomitante a isso, aprender a praticar a avaliação, traduzindo-a em atos do cotidiano. Aprender conceitos é fácil, o difícil mesmo é passar da compreensão para a prática.

Assim, o autor Stroh (2010, p. 6) afirma que “a criança ou adolescente portador de TDAH deve ser estimulada de maneira correta em tempo integral, para que mantenha sua atenção no que está fazendo ou estudando”. Nesse sentido, o professor tem valoroso papel no processo do método cognitivo, no que diz respeito à construção do saber, e é

responsável por auxiliar o aluno em seu crescimento fazendo com que ele seja capaz de ter um bom desenvolvimento intelectual, pessoal e profissional futuramente.

### **Considerações finais**

A proposta deste artigo foi trazer à tona uma reflexão sobre o papel fundamental da fotografia como fonte documental, preservação do patrimônio público, valorização da memória coletiva e individual e a reconstrução de uma identidade histórica local.

Esperamos ter contribuído para um debate sobre a riqueza da fotografia na reconstrução historiográfica. Ter demonstrado que a história se faz também através de fotos. Ter apresentado a fotografia como produto cultural. Entender que a história é feita de imagens. E essas imagens devem ser registradas e valorizadas.

Acreditamos que os objetivos foram alcançados tendo em vista que, a partir das atividades desenvolvidas, foi possível analisar a percepção de cada aluno envolvido que tiveram em relação ao patrimônio cultural, sua importância local, a formação identitária e a preservação desse patrimônio.

### **REFERÊNCIAS**

ABDA – Associação Brasileira de déficit de Atenção. **O que é o TDAH**. 2010.

Disponível em: <https://tdah.org.br/o-que-e-o-tdah/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

AGUIAR, Maciel de. **Os últimos zumbis**: A saga dos negros do vale do Cricaré durante a escravidão. Porto Seguro: Brasil – cultura, 2001.

AGUIAR, Maciel de. **Porto das Águas e das Mágoas**. 2º Ed. São Mateus: Memorial, 2005.

AGUIAR, Maciel. **Brincantes e Quilombolas**. São Mateus: Memorial, 2005.

ARAÚJO, Joana Darc de. **A motivação no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental**. Monografia apresentada para conclusão de curso em

Licenciatura em Pedagogia pelas Universidades Estadual da Paraíba PARFOR. Gurabira-PB, 2015.

BARBARINI, Tatiana de Andrade. **A condição da criança hiperativa e desatenta:** um estudo sobre a intervenção psiquiátrica nas formas contemporâneas de inserção social infantil. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2016.

BARKLEY, R. A. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade:** manual para diagnóstico e tratamento. Porto Alegre: Artmed. 2008.

BARKLEY, R.A. MURPHY. K.R. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade.** 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas:** magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996

BLOCH, Marc. **A terra e seus homens:** agricultura e vida rural nos séculos XVII E XVIII. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)>. Acesso em: 01 nov. 2021.

BELLI, A. A. **TDAH!** A dificuldade da escola e da família no cuidado e no relacionamento com crianças e adolescentes portadores de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. São Paulo: Editora STS, 2008.

BENCZIK, E. B. P. **Transtornos do Déficit de Atenção/Hiperatividade:** atualização, diagnóstico e terapêutica. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2002.

BRIOSO, Angeles; SARRIÀ, Encarnación. **Desenvolvimento psicológico e educação:** necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

BRITES, Clay. **Estratégias pedagógicas para alunos com TDAH.** Disponível em: <https://neurosaber.com.br/estrategias-pedagogicas-para-alunos-com-tdah/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BONADIO, Rosana Aparecida Albuquerque; MORI, Nerli Nonato Ribeiro. **Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade: diagnóstico da prática pedagógica** [online]. Maringá: Eduem, 2013.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

CAIADO, Elen Campos. **Hiperatividade na escola.** Brasil Escola, 2002. Disponível em: <http://www.educador.brasilecola.com>. Acesso em: 03 nov. 2018.

CALEGARO, M. **Avaliação psicológica do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).** in *Avaliações e medidas psicológicas: produção do conhecimento e da intervenção profissional.* São Paulo: Casa do Psicólogo. 2002.

CARREIRO, Luiz Renato Rodrigues; SCHWARTZMAN, José Salomão; CANTIERE, Carla Nunes; RIBEIRO, Adriana de Fatima; SILVA, Naiara Adorna da; MARTIN, Maria Aparecida Fernandes; CHIQUETTO, Camila Maria; BARALDI, Gisele da Silva; MARIANI, Mirella Martins de Castro; SERACENI, Mayra Fernanda Ferreira; TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz. **Protocolo interdisciplinar de avaliação neuropsicológica, comportamental e clínica para crianças e adolescentes com queixas de desatenção e hiperatividade.** *Psicol. teor. prat.* v. 16, n. 3, São Paulo, 2014.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Legislação âmbito nacional.** 2015. Disponível em: [http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=B271CBB1D9A129AF658A22F62ACD95A5.proposicoesWeb1?codteor=1343620&filename=Tramitacao-PL+7081/2010](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=B271CBB1D9A129AF658A22F62ACD95A5.proposicoesWeb1?codteor=1343620&filename=Tramitacao-PL+7081/2010). Acesso em: 17 nov. 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **PL 7081/2010.** 2018. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=472404> . Acesso em: 17 nov. 2018.

CAVALCANTE, CINTHIA MENDONÇA. **Cuidado de crianças com diagnóstico de TDA/H:** articulações entre família, escola e profissional de saúde mental. Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Doutorado em Saúde Coletiva em Associação Ampla IES UECE/UFC/UNIFOR. Fortaleza-CE, 2012.

CIASCA, S. M. **Distúrbios de aprendizagem:** proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CINIELLO, Evelise de Jesus Kloster. **Estratégias avaliativas inclusivas para alunos com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.** Secretaria de estado da educação superintendência da educação diretoria de políticas e programas educacionais programa de desenvolvimento educacional – PDE. Universidade Federal do Paraná, 2016.

COELHO, Crispiniano de Souza; SILVA, Ronaldo Rodrigues da. **O centro de interesse e o comportamento de crianças com hiperatividade nas atividades físicas desenvolvidas em escolas públicas do Distrito Federal.** Revista de Ed. Física. 2019. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/viewFile/1329/1016>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

CÔGO, Anna Lúcia. *História Agrária do Espírito Santo no Séc. XIX.* A região de São Mateus. Tese de Doutorado. FFCH/USP. 2007.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. **O que a Micro-História tem a nos dizer sobre o regional e o local?** História Unisinos, 8:157-178, 2004.

CREMASCO, Cintia Oliveira. **Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade sob a perspectiva dos pais e psicólogos.** Monografia apresentada a Faculdade de Psicologia do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília, 2013.

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

DIAS, Irineu. **Preconceito x Desenvolvimento de Causa:** Uma luta de Classes. In: Ciranda da Inclusão. 14. ed. Grupo Ciranda Cultural, 2011.

DSM-IV-TR™ - **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. trad. Cláudia Dornelles; - 4. ed. rev. - Porto Alegre: Artmed, 2013.

FERNANDES, Luzia Mara. **Estratégias Pedagógicas de Ensino e Aprendizagem para o Trabalho com Alunos Diagnosticados com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade**. PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE. Universidade Federal do Paraná - UFPR . 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FRANÇA, Maria Thereza de Barros. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): ampliando o entendimento**. J. psicanal. v. 45 n. 82, São Paulo - jun, 2012.

FREITAS, Juliana Santos; FIGUEIREDO, Kaliana Cabral; BOMFIM, Natanael Reis; MENDONÇA, Thyara Ferreira Ribeiro. **TDAH: Nível de Conhecimento e Intervenção em Escolas do Município de Floresta Azul, Bahia**. Itabuna: Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 2010.

GOMES, Marcelo D'ávilla Teixeira. **Inclusão e aprendizagem de alunos diagnosticados com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH no Ensino Médio**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, Espírito Santo, 2020, p. 76. Acesso: 01 de nov. 2021

HOFFMANN, Jussara. **O jogo do contrário em avaliação**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Trad. Francisco Cock. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1999

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2013. LIMA, Maria do Socorro Bezerra; MOREIRA, Érika Vanessa. **A pesquisa qualitativa em geografia qualitativa**

**research in geography pesquisa qualitativa en geografia.** Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.37, v.2, p.27-55, ago./dez. 2015.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOREIRA LEITE, M. L. (1993). Imagens e Contextos. Boletim do Centro de Memória – UNICAMP, 5 (10), 45-60.

\_\_\_\_\_, M. L. (1998). Texto visual e texto verbal. Em B. Feldman-Bianco & M. L. Moreira Leite (Orgs.) *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais.* (pp. 37-49). Campinas: Papirus.

OLIVEIRA, Carolina Alvim Scarabucci de; MIRANDA, Maria Irene. **A criança diagnosticada com tdah:** e agora professor?. Pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. 2016.

OLIVEIRA, ROSILAINE MARIA DO NASCIMENTO. **O professor e a inclusão do aluno com déficit de atenção e hiperatividade.** Artigo científico apresentado à Coordenação Estadual do Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria do Estado da Educação do Paraná, como requisito. JACAREZINHO, 2014